

COMO O *OPUS AGRICULTURAE* DE PALÁDIO INCORPOROU COLUMELA E GARGÍLIO MARCIAL

Matheus Trevizam

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar uma abordagem de autores e obras da literatura técnica latina, especificamente em sua vertente agrária. Para isso, primeiramente contextualizamos essa espécie literária em meio às demais obras técnicas escritas em Roma. Depois, introduzimos dados a respeito dos agrônomos escolhidos para integrarem nossas análises, ou seja, Columela (séc. I d.C.), Gargílio Marcial (séc. III d.C.) e Paládio (séc. IV-V d.C.). A essa primeira tarefa seguiu-se o exame de como se estruturaram, geralmente, seus respectivos textos. Assim, a obra de Columela é extensa e bem elaborada no âmbito linguístico, sendo base para a documentação técnica de autores subsequentes. Em Marcial encontramos um agrônomo responsável pela escrita de textos transmitidos de forma incompleta e suscitando dúvidas a respeito da própria articulação. A obra *Opus agriculturae*, de Paládio, assumiu a “original” conformação de um calendário, sem deixar de dever muito a Columela e Marcial, como fontes ou em aspectos adicionais. Por fim, comparamos dois trechos de *Opus agriculturae* com os pontos das obras de Columela e Gargílio Marcial que lhes serviram como base, com o objetivo de demonstrar a relativa independência de Paládio dos padrões de escrita desses predecessores.

Palavras-chave: literatura técnica; tratados; composição; escrita; comparação.

ABSTRACT

The aim of this article is to approach authors and works of Latin technical literature, specifically in its agrarian aspect. In order to achieve this, we firstly place this literary species in the context of previous technical works composed in Rome. We then present information about the agronomists – Columella (1st century AD), Gargilius Martialis (3rd century AD), and Palladius (4th–5th century AD) – who were chosen to incorporate our studies. Following this initial task, a commentary of the general structure of their texts was conducted. As a result, Columella's work is comprehensive and well developed at the linguistic level, serving as the foundation for other authors' technical documentation. In Martialis, we find an agronomist who was in charge of composing texts transmitted in an incomplete way, casting doubt on their articulation. *Opus Agriculturae*, a work by Palladius, adopted the “original” calendar format while still owing a great deal to Columella and Martialis, either as its sources or in additional aspects. In order to show Palladius' relative independence from the writing patterns of his forebears, we lastly contrasted two passages from *Opus Agriculturae* with the ideas contained in the excerpts of Columella and Gargilius Martialis that served as their foundation.

Keywords: technical literature; treatises; composition; writing; comparison.

INTRODUÇÃO: VARIEDADE E IMPORTÂNCIA DOS ESCRITOS TÉCNICOS EM ROMA ANTIGA

A literatura técnica¹ dos antigos romanos, especializada em mais de um campo de saber, frutificou desde o período arcaico de sua cultura, passando por transformações e retomadas também durante a Era Clássica e a Antiguidade tardia. Nesse percurso, mobilizou a atenção de certas personagens incluídas entre as mais célebres da intelectualidade antiga, como Catão (234-149 a.C.), Cícero (106-43 a.C.), Varrão (116-27 a.C.) etc. Alguns campos do conhecimento humano recobertos por este tipo de literatura dizem respeito à agropecuária, à medicina – humana e veterinária –, à área bélica, à abundante tratadística sobre a retórica e a gramática, sem esquecermos da engenharia e da arquitetura (AGUILAR, 2006, p. 221ss.).

A título de exemplificação sumária, Catão, o Velho, já teorizara sobre tratamentos de doenças humanas na obra chamada *De agri cultura* – cap. 156-157 –, recomendando a “couve” (*brassica*), em suas muitas variedades, para tratar dificuldades digestivas, cólicas, estragúria, deslocamentos de juntas etc. Sob o governo do imperador Tibério (42 a.C. – 37 d.C.), o enciclopedista Aulo Cornélio Celso escreveu suas *Artes*, dentro das quais havia oito livros dedicados à medicina. Sendo ele bem mais especializado que o também enciclopédico Catão, esta parte de sua obra se divide em três partes distintas, respectivamente dedicadas à dietética, à farmacologia e à cirurgia (AGUILAR, 2006, p. 364).

Depois da iniciativa pioneira referente à obra catoniana de nome *De re militari*, hoje perdida (ASTIN, 1978, p. 183), Roma contou, no período imperial, com destacados tratadistas sobre o tema das guerras e seu manejo. Entre os anos 84-96 d.C., o escritor técnico Sexto Júlio Frontino compôs *Strategemata* (“Estratagemas”), texto no qual se acham contidos desenvolvimentos a respeito do modo de conduzir os exércitos. Em época posterior, porém discutida (entre 383-450 d.C.), Públio Flávio Vegécio

¹ Adotamos, neste contexto, a definição de “literatura técnica” tal como esboçada por Roby (2015, p. 2-3), ou seja, “interpretada como uma categoria muito ampla, incluindo textos jurídicos, gramaticais e retóricos, juntamente com obras sobre tópicos envolvendo construção, engenharia e outras formas de atividade manual, como táticas militares, agricultura, topografia, arquitetura e navegação” – [...] construed as a very broad category, including legal, grammatical, and rhetorical texts alongside works on topics involving building, engineering, and other forms of manual activity such as military tactics, agriculture, surveying, architecture, and navigation (todas as traduções no artigo são de nossa responsabilidade, a não ser que haja avisos em contrário). Essa subcategoria temático-utilitária da literatura antiga na prática se realiza como textos dotados de características formais bastante variáveis, de um caso a outro, além de diferenciados do que seriam os textos filosófico-científicos e a poesia didática.

Renato dedicou-se inclusive² à obra *Epitoma rei militaris* (“Compêndio da arte militar”), a qual contém quatro livros e trata 1. dos recrutas; 2. dos costumes (*mos*) do exército; 3. de promover a luta de infantaria; 4. das guerras navais etc. (TAVARES; GONÇALVES, 2023, p. 202-203).

Nos âmbitos da retórica e da gramática, já na *Retórica a Herênio* (86-82 a.C.) o autor, desconhecido, desenvolvia em quatro livros os princípios dessa arte, segundo a tradição grega da *Arte retórica* aristotélica (séc. IV a.C.). A esse tratado seguiram-se, por exemplo, os vários escritos ciceronianos ocupados da mesma técnica, como os três livros atinentes a *De oratore* (“Do orador”, 55 a.C.), *Orator* (“O orador”, 46 a.C.), as *Partitiones oratoriae* (“Divisões da oratória”, de 45 a.C.) etc. Do supracitado Marco Terêncio Varrão, para referir apenas um *único* gramático de Roma Antiga, subsistem ainda cinco livros (V a X) – de um total de vinte e cinco – da obra *De lingua Latina*, com foco fragmentário sobre a etimologia e a morfologia.

Por sua vez, entre os autores de engenharia e arquitetura da cultura romana é imprescindível frisar Marco Vitrúvio Polião, o qual compôs sua obra *De architectura*, dedicada a Otaviano Augusto, provavelmente nos anos 35-25 a.C. (AGUILAR, 2006, p. 225), sendo os temas do tratado, ao longo de dez livros, 1. a formação do arquiteto; 2. a evolução da humanidade e os materiais de construção; 3-4. a edificação de templos; 5. a edificação de praças, basílicas, teatros etc. No séc. III d.C., Marco Cétio Faventino compôs um tratado conhecido, geralmente, pelo título *De diuersis fabricis architectonicae* (“Das diversas artes construtivas da arquitetura”),³ desenvolvendo temas muito semelhantes aos de Vitrúvio, ou na verdade resumindo-o.

No tocante aos textos da literatura latina que se ocupam da agricultura, estes se destacam por certos motivos, entre aqueles dos demais campos de saber citados. Primeiro, nem todos esses campos podem ser apontados, em Roma, como temas de escrita sistemática desde tempos tão remotos e, além disso, por tão longo período. Basta lembrar, então, que o compêndio catoniano referente ao *De agri cultura* praticamente realiza o gesto inaugural da prosa no Lácio,

² Vegécio é, ainda, conhecido pela autoria da obra *Digesta Artis Mulomedicinae* (“Compêndio da arte veterinária”).

³ Faventino é, por vezes, citado mesmo pelo agrônomo que se identifica com Paládio, do qual aqui tratamos mais detidamente. Ver Martin (1976, pp. XXXIV-XXXV): Il est incontestable que dans plusieurs cas notre auteur s’inspire de Faventinus, pour la bonne raison qu’il s’agit de points que Vitruve n’avait pas traités: c’est le cas, en particulier, du chapitre 40 du livre I, *de malthis calidae et frigidae*, repris presque textuellement du chapitre 30 de Faventinus, *de malthis diuersis*. – “É inegável que em vários casos nosso autor se inspira em Faventino, pelo bom motivo de tratar de pontos que Vitrúvio não havia tratado: é o caso, em particular, do capítulo 40 do livro I, *de malthis calidae et frigidae*, retirado quase literalmente do capítulo 30 de Faventino, *de malthis diuersis*”.

sendo o livro não poético mais antigo de que dispomos para a cultura literária em jogo (ASTIN, 1978, p. 182).

Além disso, recobrando um arco temporal que vai do séc. II a.C. até o IV-V d.C., os tratados agrícolas romanos formam rica teia intertextual entre si, de modo que os mais recentes aludem aos de séculos recuados em incontáveis passagens. Assim, o referido *De agri cultura* (meados do séc. II a.C.) é citado e “corrigido” em mais de um ponto da obra *Rerum rusticarum libri III* (“Três livros sobre as coisas do campo” – 37 a.C.), de Varrão, sendo ambos pontos de referência temática inclusive para as *Geórgicas* de Virgílio (29 a.C.).⁴ A mesma prática de retomada de predecessores técnicos agrários, a fim de documentar-se, criticar, ou mesmo compor “como” eles, persistiu bem mais tardiamente, em Roma.

Nas páginas que seguem, depois de tecer comentários gerais sobre os autores focalizados nesta apresentação – a saber, Columela, Gargílio Marcial e Paládio –, passaremos ao exame dos modos pelos quais os dois primeiros foram “apropriados” pelo autor de *Opus agriculturae* (“Tratado de agricultura”). Dessa maneira, sem pretensões de plena originalidade nessas colocações, poderemos apontar em dois casos específicos, com base em dados concretos, como se deu a complexa rede de constituição de sentidos no âmbito da literatura *técnico-agrária* latina, a que temos aludido.

1 COLUMELA, GARGÍLIO MARCIAL E PALÁDIO, TRATADISTAS ROMANOS DE AGRICULTURA

Em gradual contato com nossos objetivos expositivos, iniciamos esta seção recordando que Lúcio Júnio Moderato Columela (4-70? d.C.) não era natural da Itália, mas sim de *Gades* (atualmente “Cádiz”), na *Hispania* romana. Contudo, a identificação de certas figuras históricas de suas relações, juntamente com as referências a propriedades que supostamente possuiu na Península Itálica – Lácio e Etrúria (FORSTER, 1950, p. 123) –, confirma sua condição de indivíduo estabelecido em Roma.

⁴ Em *Rerum rusticarum libri III*, I, 2, 26, a personagem Escrofa “caçoa” nos termos seguintes de uma receita rústica dada por Catão em *De agri cultura*: *Ille, tum hercle quam hoc, siquem glabrum facere uelis, quod iubet ranam luridam coicere in aquam, usque qua ad tertiam partem decoxeris, eoque unguere corpus.* – “Ele respondeu: ‘Por Hercules, é tão bom quanto isto: ‘Se quiseses depilar alguém, manda lançar uma rã amarela na água, ferver até reduzir à terça parte e umectar o corpo com a água’”. Gneu Tremélio Escrofa, esclarecemos, foi de fato autor de escritos agrários em Roma antiga durante o período do Imperador Augusto (63 a.C. – 14 d.C.).

Na obra *De re rustica* (“Das coisas do campo”),⁵ Columela enaltece a figura de um tio “agricultor”, Marco Columela, ao longo do texto, frequentemente se supondo que parte de suas habilidades e apreço pelo cultivo do solo poderia ter sido herdada dessa linhagem familiar:

“Na Bética devem ter transcorrido sua infância e mocidade, se consideramos a impressão deixada nele por seu admirado tio Marco Columela – *uir inlustribus disciplinis eruditus ac diligentissimus agricola* –,⁶ ali estabelecido e responsável evidente de sua iniciação na economia rústica”.⁷

Ademais, o escritor mostra muito bom conhecimento das condições agrícolas no Oriente Próximo – Síria e Cilícia –, possivelmente devido à sua atuação como parte do exército romano naquelas províncias. No que diz respeito ao seu círculo social, Columela sugere pertencer à elite romana. Isso é evidente não só pela crítica aos *ciuitatis nostrae principes* – “os homens mais proeminentes de nossa cidade” – no proêmio do livro I do *De re rustica*, parecendo apontar para sua relação direta com tais personagens, mas também pelas menções ao filósofo Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) e ao irmão deste, Júnio Galião.⁸ Por outro lado,

“o Públio Silvino a que Columela várias vezes faz alusão no tratado, pois em mais de uma ocasião se cita, sobretudo, como dedicatário nos proêmios, não nos é conhecido por referências externas à mesma obra, obrigando-nos a contentar-nos, por ora, com saber que se tratou de um amigo próximo do autor, além, é provável, de alguém igualmente aficionado pela agricultura.” (TREVIZAM, 2014, p. 157)

O agrônomo seguinte a ser lembrado é Quinto Gargílio Marcial, que se aventa ter vivido e produzido no séc. III d.C. Sobre ele, mais do que no caso de Columela, escasseiam as notícias, a não ser aquelas eventualmente obtidas de seus escritos ou de distintos autores antigos que demonstram conhecer os seus textos. Então, como explica Martínez (2022, p. 15), na obra *Medicinae ex*

⁵ Além do grande tratado *De re rustica*, ainda se atribui a Columela, em âmbito agrícola, a escrita da obra *De arboribus* (“Sobre as árvores”). Trata-se de mero opúsculo, tematizando as vinhas ou outras plantas, ocorrendo ainda que a modéstia de seu padrão de escrita (quando comparado ao *De re rustica*) fez com que a autoria columeliana lhe fosse, muitas vezes, negada. Outras vezes, atribuiu-se o tempo de escrita deste texto à imatura juventude do autor (CARTELLE, 2007, p. 797).

⁶ Columela, *De re rustica* V, 5, 15: “... homem educado em ilustres disciplinas e agricultor bem diligente”.

⁷ Armendáriz, 1995, p. 25: En la Bética debieron de transcurrir su infancia y mocedad, si juzgamos la impronta dejada en él por su admirado tío Marco Columela – *uir inlustrissimus disciplinis eruditus ac diligentissimus agricola* –, allí afincado y responsable a todas luces de su iniciación en la economía rústica.

⁸ Respectivamente, em *De re rustica* III, 3, 3 e *De re rustica* IX, 16, 2.

holeribus et pomis (“Remédios dos legumes e frutos”, cap. 2, 11)⁹, este agrônomo comenta ter sofrido de uma doença gástrica, de que se curou após seguir um tratamento prescrito no cap. 2, 7ss. Adicionalmente, Marcial indica ao leitor seu estado de homem casado (cap. 53, 16) e refere Cláudio Galeno (129-217 d.C.)¹⁰ como antecessor nos estudos de medicina (cap. 4, 1; 5, 11 etc.).

No entanto,

“Não faz menção alguma a sua carreira militar, não alude à sua própria experiência como agricultor, não se refere a seus cargos públicos e administrativos, nem à sua possível condição de médico, exceção feita à lógica tarefa de cuidador ou curador que lhe correspondia, como a um bom pai de família”.¹¹

No tocante aos escritores que dão notícias, próximo à Antiguidade, de sua leitura das obras deste mesmo agrônomo, poderíamos citar, além de Paládio do tratado *Opus agriculturae* – o qual o menciona “treze vezes” (CASAS, 1990, p. 26) –, o comentador Mário Sérgio Honorato – aludindo no séc. IV a seu nome, a propósito de uma nota ao v. 148 do Canto IV das *Geórgicas* – e Flávio Magno Aurélio Cassiodoro (490-581 d.C.), conselheiro do rei ostrogodo Teodorico I, o Grande, e depois especializado em temas cristãos (*Institutiones diuinarum et saecularium litterarum* – “Introdução às Letras divinas e seculares”, I, 28, 5). No último caso, o erudito medieval considera Gargílio Marcial uma leitura apropriada para os monges do monastério do *Viuarium*, que ele fundara na Calábria.

Em última análise, a trajetória de Rutilio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.) também parece obscura, devido à escassez de relatos igualmente notável. Os manuscritos de sua única obra conhecida o identificam como *uir inlustris* (“varão ilustre”), o que sugere que ele viveu na segunda metade do primeiro século mencionado. De fato, a expressão em questão só começou a ser usada para se referir a indivíduos que ocupavam posições de destaque no senado nesta época (FITCH, 2023, p. 11). Fitch (2013, p. 11) também

⁹ Além do tratado *De hortis* (“Dos hortos”), outra obra adicionalmente atribuída a Gargílio Marcial é *Curae boum* (“Tratamentos dos bois”); mas, no último caso, trata-se de texto com extensão reduzidíssima e atribuição duvidosa ao mesmo autor (CARTELLE, 2007, p. 810).

¹⁰ Trata-se de um médico romano de origem grega, que fez várias descobertas sobre os sistemas circulatório, excretor e nervoso e serviu os imperadores Marco Aurélio (121-180 d.C.) e Cômodo (161-192 d.C.). As obras de sua autoria – por exemplo, *De usu partium corporis humani* (“Sobre a utilidade das partes do corpo humano”) – foram “inquestionáveis” por séculos, até o avanço dos saberes médicos entre os séc. XVI-XVII (STÜLP; MANSUR, 2019, p. 156ss.).

¹¹ Martínez, 2022, p. 15: No hace mención alguna de su carrera militar, no alude a su propia experiencia como agricultor, no se refiere a sus cargos políticos y administrativos, ni a su posible condición de médico, exceptuada la lógica tarea de cuidador o sanador que como a un buen padre de familia le correspondía.

comenta que, de acordo com alguns filólogos, os nomes “Paládio” e “Rutílio” indicam origens gaulesas.

O autor tardo-antigo, além de ter uma posição social privilegiada, provavelmente compartilhada com o misterioso Pasifilo, a quem dedica o livro XV do “Tratado de agricultura” (TREVIZAM, 2021, p. 156-157), também menciona possuir propriedades na Sardenha (IV, 10, 16; XII, 15, 3), em algum lugar inespecífico da Itália (IV, 10, 24) e nas proximidades de Roma (III, 25, 1). Por outro lado, ele relata ter tido experiências de plantio em áreas de clima “bem frio” ou “frio” (IV, 10, 15; VIII, 3, 2), sugerindo que essas áreas são distintas das regiões mediterrâneas mencionadas anteriormente:

“Planta-se a estaca ou seu pimpolho, nas regiões mais quentes, também durante o outono: *nas bem frias, eu mesmo levei a frutificar e dar grande rendimento aqueles [limoeiros] plantados em julho e agosto, com auxílio de irrigação cotidiana*. Julga-se que o limão é ajudado caso se plante em lugar próximo das abóboras: seus caules, até queimados, dão cinza útil para as árvores do limoeiro”.¹²

“Agora, planta-se a estaca do limoeiro em lugar irrigado; *em regiões frias, lembro-me de ter plantado e auxiliado com cotidiana umidade*; ao crescer e dar frutos, igualou meus votos de sucesso”.¹³

Esses dados sugerem que o contato de Paládio com a vida rural não se restringiu ao uso de fontes escritas, mas identificou-se com uma vivência concreta e um esforço considerável, *in loco*, nos campos. Neste aspecto, ele se distingue de um autor como Virgílio das *Geórgicas*. Embora se costume atribuir origens aldeãs ao poeta mencionado,¹⁴ os versos desta obra evidenciam, antes de tudo, a dependência de fontes escritas anteriores, “como a *Historia plantarum* de Teofrasto, os *Phaenomena* de Arato de Solos [...] e os diálogos de Varrão” (TREVIZAM, 2021, p. 160). Paládio também se distingue de Gargílio Marcial, conforme dito anteriormente (MARTÍNEZ, 2022, p. 15).

¹² Paládio, *Opus agriculturae* IV, 10, 15: *Talea sine claua eius calidissimis regionibus et per autumnum ponitur: frigidissimis iulio et augusto positas et cotidianis rigationibus animatas ipse usque ad poma et magna incrementa perduxit. Citreum iuuari creditur, si cucurbitae uicinis locis serantur: quarum uites etiam combustae utilem citri arboribus cinerem praebent.*

¹³ Paládio, *Opus agriculturae* VIII, 3, 2: *Nunc citri taleam loco inriguo, frigidis regionibus plantasse me memini et cotidianis animasse liquoribus, quae et nascendo et adserendo uotum felicitatis aequauit.*

¹⁴ Grimal, 2008, p. 69: “O primeiro [Virgílio] havia (sem dúvida) perdido a sua propriedade [rural] de família na Cisalpina, e o segundo [Propércio] aquela que possuía perto de Assis, na Úmbria. [...]”

2 ASPECTOS GERAIS DA COMPOSIÇÃO DOS TRATADOS *DE RE RUSTICA*, *MEDICINAE EX HOLERIBUS ET POMIS*, *DE HORTIS* E *OPUS AGRICULTURAE*

O olhar para as obras mesmas de que nos ocupamos aqui, em sua tessitura geral, favorece aproximarmo-nos dos objetos literários em pauta, antes do exame dos distintos modos de Paládio apropriar-se de Columela e de Gargílio Marcial. De início, importa ter em mente que as obras técnicas referidas nestes comentários não se estruturam sempre da mesma maneira textual, o que, por um lado, indica a grande flexibilidade compositiva disponível aos autores *rerum rusticarum* romanos (ROBY, 2015, p. 3). Por outro, propicia apreciar melhor em cada caso, através da forma, quais teriam sido os objetivos e até o público de cada agrônomo considerado.

Iniciamos o percurso, portanto, comentado os principais traços do tratado de Columela. Dessa maneira, a obra contém, ao todo, doze livros que concentram certos temas da ruralidade antiga: a saber, o livro I apresenta um erudito proêmio, que serve de introdução à obra inteira; depois, há uma lista de mais de cinquenta autores agrícolas gregos ou romanos, bem como tópicos sobre o *dominus* (“senhor” das terras), suas relações com outros agentes do campo – como os *coloni*, ou “arrendatários”, o *uilicus* (“administrador”) etc. –, o solo, as águas, as edificações rurais etc. Do livro II – ocupado inclusive de explicar culturas variadas, como a das favas, lentilhas, grão-de-bico – ao V, dominam assuntos em nexos diretos com o plantio.

Assim, sequencialmente, temos em III sobretudo o começo da abordagem da viticultura; em IV, a continuidade deste tópico, altamente especializado em suas técnicas; em V, Columela tece comentários no âmbito da agrimensura, desenvolvendo ainda tópicos de cultivo arbóreo e de frutas. Depois do livro inicial e introdutório, dessa forma, os livros II-V constituem nítido “bloco” temático em óbvio contato com o aspecto dos plantios a serem realizados num *fundus rusticus* (“propriedade rural”), em todas as suas etapas e desdobramentos.

Entre os livros VI-IX, inicia-se novo “bloco” temático coeso, desta vez dedicado à cobertura de aspectos de trato de animais nas terras. Nesse conjunto, o livro VI descreve as criações de grandes animais – como bovinos e equinos –; o livro VII, as criações daqueles um pouco menores – caprinos, ovinos, cães –; o livro VIII é dedicado à tematização das aves de granja, bem como à manutenção de peixes em tanques; no livro IX, enfim, Columela desenvolve a importante questão econômica e alimentar da apicultura (DE CHANTAL, 2010, p. 61), focalizando tópicos como o formato e a localização das colmeias, o manejo das abelhas, a extração do mel e outros itens.

Separando este segundo bloco do par de livros que finaliza a obra, temos a inserção do livro X, em que um breve proêmio em prosa antecede um pequeno poema didático (com o total de 436 hexâmetros datílicos). O direcionamento

temático desse poema se dá por meio do assunto da horticultura, ou cultivo de flores e ervas no *fundus rusticus* conforme planejado por Columela. Como assinalado pelo próprio autor, a escrita deste livro em versos a permear sua obra, de outro modo, inteiramente prosística, partiu de uma “sugestão” do Virgílio das *Geórgicas*, Canto IV, 147-148: *uerum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis/ praetereo atque aliis post me memoranda relinquo*.¹⁵ O último, tendo apenas tangenciado a horticultura a propósito da digressão do Velho corício (*Geórgicas*, Canto IV, 125-146),¹⁶ na verdade deixou aos pósteros que o continuassem, como se, coagido pela estreiteza do espaço ainda disponível para finalizar o poema, devesse partir a indispensáveis desenvolvimentos rústicos.

Enfim, *De re rustica* XI e XII concentram-se sobretudo em esboçar as respectivas tarefas cabíveis ao *uilicus* e à *uilica*, sua companheira na lida do *fundus*. Então, enquanto a contraparte masculina desse casal de encarregados desempenhava afazeres que diziam respeito ao âmbito externo à *uilla rustica* – ou “edifício sede” da propriedade rural antiga –, tais como a supervisão dos cultivadores e o ordenamento da própria rotina de cultivo, a feminina supervisionava o asseio do ambiente doméstico, o preparo e armazenamento de alimentos, a direção dos criados etc.

O que se disse sobre Columela – disposição de livros tematicamente afins em “blocos”, certa simetria no arranjo daqueles com assunto vegetal (II-V) e animal (VI-IX), “encapsulando-os” os livros I e X, a geral presença de proêmios retoricamente elaborados ao longo desses livros – indica um escritor *rerum rusticarum* capaz de bem ordenar a estrutura de seu tratado. Além disso, o apuro estilístico columeliano, obtido pela “busca constante de *uariatio* na sintaxe e no léxico” e através do “gosto pela disposição simétrica, ou mediante correlações, dos membros da frase ou do período”,¹⁷ permitiu-lhe dar “genuína mostra da melhor latinidade argêntea”,¹⁸ ao mesmo tempo revelando a condição altamente letrada de seu público.

¹⁵ “Mas decerto eu mesmo, retido pela estreiteza do espaço,/ passo tais temas e deixo a serem lembrados depois de mim”.

¹⁶ “Corício” é o mesmo que “da Cilícia”. Segundo os comentadores, trata-se talvez de uma personagem evocativa dos esforços militares de Gneu Pompeu Magno – findos em 67 a.C. – de pôr fim à pirataria que reinava sobre o *Mare Nostrum*. Sendo, dizia-se, muitos desses contraventores oriundos das partes orientais do Mediterrâneo, alguns, após sua derrota, teriam sido assentados pelos romanos em terras próximas a Tarento, no extremo sul da Itália. Justamente, Virgílio afirma em *Geórgicas* IV, 125 que o Velho cultivava seu *hortus* nas imediações da “cidadela Ebália”, ou seja, daquela fundada, segundo a lenda, por Ébalo, rei de Esparta (WILLIAMS, 2001, p. 206). Dessa maneira, de forma erudita e poética, o poeta das *Geórgicas* alude, assim, a nada menos que à própria Tarento.

¹⁷ Armendáriz, 1995, p. 32: [...] gusto por la disposición simétrica, o mediante correlaciones, de los miembros de la frase o del periodo [...].

¹⁸ Armendáriz, 1995, p. 32: [...] genuina muestra de la mejor latinidad argénteo [...].

A abordagem de *Medicinae ex holeribus et pomis* (“Remédios dos legumes e frutos”) e *De hortis* (“Dos hortos”) coloca-nos em situação, sob certos aspectos, oposta ao descrito para Columela. Então, esses textos – ambos fragmentários (MARTÍNEZ, 2022, p. 19) – divergem do padrão organizacional e de estilo de Columela, por sua maior simplicidade: *De hortis* contém, de chofre, somente quatro capítulos, respectivamente dedicados ao plantio dos marmeleiros, dos pessegueiros, das amendoeiras e das castanheiras.¹⁹ Como o cap. 1, 2 da obra repete algumas linhas sobre o emprego terapêutico dos marmelos, tal como se acham em *Medicinae...* (cap. 43, 1-8), aventa-se que, apesar da procedência distinta,²⁰ as “duas” obras teriam sido, um dia, uma só, na qual uma parte explicaria o cultivo de plantas domésticas; a outra, seu emprego medicinal.

O primeiro tratado gargiliano aludido, por sua vez, contém sessenta capítulos a respeito do emprego de várias plantas, hortaliças e frutas, faltando-lhes qualquer descrição botânica (MARTÍNEZ, 2022, p. 20). Entre os cap. 1-39, concentram-se as verduras e hortaliças, seguindo-se, do cap. 40 até 60, a abordagem medicinal das frutas. Assim como em *De hortis*,²¹ estes escritos de Gargílio Marcial não contêm proêmio – por ter ocorrido perda dessa parte do texto? –, sendo o estilo de ambos caracterizado pela parataxe, justaposição de membros e elementos constituintes; traços como a limpidez sintática, o emprego metafórico e a busca de *uariatio* lexical também se encontram no autor.

¹⁹ Sobre o método de exposição dos conteúdos internamente a cada capítulo da obra *De hortis*, Gargílio Marcial primeiro aborda questões de cultivo das plantas focalizadas (sementes, cuidados de mudas no viveiro herbal etc.); depois, aspectos mais adiantados cronologicamente, como a colheita e conservação dos frutos, ou seja, dos marmelos, pêssegos, amêndoas e castanhas (MARTÍNEZ, 2022, p. 33-34).

²⁰ O Palimpsesto Napolitano IV.A.8, datado do séc. V-VI d.C., é nosso único testemunho para *De hortis*; quanto a *Medicinae...*, treze manuscritos o conservaram para a posterioridade a partir do séc. VIII-IX d.C., como o “Bambergensis medicinalis”, guardado na Staatsbibliothek de Bamberg (Alemanha).

²¹ Para o estudo linguístico e estilístico detalhado desta obra de Gargílio Marcial – não, especificamente, de *Medicinae...* –, ver elucidativo ensaio introdutório de Zainaldin (2020, p. 42ss.), no qual o erudito explora essas questões de maneira multifacetada. Assim, afirmando de modo geral que *De hortis* não é obra desprovida de ambições literárias (o que se nota pelo emprego de cláusulas métricas variadas, uso de figuras de linguagem, recorrência a simetrias entre grupos de palavras, presença da *uariatio* etc.), ele em seguida examina o texto do ponto de vista 1. da tecnicidade de seus termos (ver caso de *ponere*, especializado com a significação de “plantar” nos compêndios agrícolas, bem como de certa redundância clarificadora ao servir-se de pronomes e adjetivos); 2. de seu moderado papel como “representante” de traços do latim “tardio” (por exemplo, verificando-se a preferência pela conjunção aditiva *et* – “e” – em detrimento da “velha” enclítica *-que*); 3. dos traços de um suposto registro de latim vulgar – atinente aos meios expressivos disponíveis a romanos não letrados, portanto – ao longo dos capítulos do tratado (algo que, quase sempre, tende a relativizar muito).

Além disso, não parece haver algum critério de ordenação para dispor cada vegetal/capítulo internamente a uma ou outra seção de *Medicinae...*, mas, nesses capítulos, Gargílio tende primeiro a especificar a natureza terapêutica (“quente” ou “fria”) das plantas;²² depois, a lista de suas virtudes e os efeitos dietéticos ou medicinais de folhas, flores, frutos, talos, raízes e sementes. Dadas as características da(s) obra(s) referida(s) para este agrônomo do séc. III d.C., Martínez (2022, p. 34-35) atribui a seu público os traços de indivíduos das camadas medianas (ou altas) do campo, que tinham interesses práticos no cultivo de plantas ou necessitavam acudir às necessidades dos moradores dos *fundi* com cuidados elementares de saúde.²³

Finalmente, alcançamos a singular estrutura do *Opus agriculturae* paladiano, que parece não ter precedentes precisos na literatura técnica antiga (CASAS, 1990, p. 3). De fato, este tratado começa com um livro que aborda temas de interesse geral para todo bom agricultor romano (qualidade do solo e sua verificação, construções rurais, manejo de aves de granja, entre outros). Entre os livros II e XIII, que concentram o núcleo dos ensinamentos agrícolas neste texto, cada livro se dedicou integralmente a definir as tarefas de cultivo apropriadas para os diversos meses do ano. Portanto, o segundo livro se concentra nas atividades adequadas para janeiro; o terceiro, nas de fevereiro; o quarto, nas de março e assim por diante, até o livro XIII, que aborda as operações requeridas do agricultor em dezembro, já no período de inverno.

O livro XIV, não incluído nas edições anteriores ao século XX devido à sua falta na maioria dos manuscritos restantes,²⁴ é um breve tratado de medicina veterinária que também faz parte do trabalho paladiano. Depois

²² Explicando alguns princípios contidos no tratado *Da dieta*, atinente ao *corpus hippocraticum* (séc. V-IV a.C., sobretudo), Soares (2017, p. 20) comenta: “Os alimentos têm naturezas/constituições (*physeis*) diversas (fria/quente, úmida/seca) e, decorrentes dessas, outras tantas propriedades (*dynameis*) fundamentais (arrefecer/aquecer, umedecer/secar) e mais aquelas que se relacionam com os principais efeitos terapêuticos relativos à função digestiva do organismo humano”. A seu modo, Gargílio Marcial, que incorpora em matéria médica Dioscórides (séc. I d.C.), Plínio, o Velho (séc. I d.C.), e o supracitado Galeno (séc. II d.C.), repercute ainda esse ponto de vista ao abordar tantos itens vegetais.

²³ Ver também a opinião de Zainaldin (2020, p. 37) sobre o público da obra *De hortis*: G. wrote for an audience who, whatever their level of expertise, would have known at least something about the fundamental work of a Roman farm, from manuring and irrigation to transplanting and preservation. – “G. escreveu para um público que, qualquer que fosse o seu nível de especialização, saberia pelo menos alguma coisa sobre o trabalho fundamental de uma fazenda romana, desde a adubação e irrigação até o transplante e conservação”.

²⁴ Joseph Svennung, um filólogo sueco, descobriu-o em 1925, no códice *Ambrosianus* C 212 inf. Martin (1976, p. XXV) esclarece que seu desaparecimento da maior parte dos manuscritos ocorreu por um motivo prático, ao propagar-se o tratado. De fato, o livro veterinário era bastante extenso e repleto de tópicos especializados, considerando o generalizado escopo agrícola de *Opus agriculturae*. Por isso, nem sempre os copistas se dedicaram a reproduzi-lo.

de uma lista detalhada de ervas, minerais e outros recursos terapêuticos que podem ser utilizados pelo cuidador de rebanhos, seus tópicos são as doenças e terapias para os animais mais comuns nos antigos assentamentos agrícolas, como os bovinos (cap. 4ss.), equinos (cap. 22ss.), mulas (cap. 28), ovinos (cap. 29ss.), caprinos (cap. 33ss.), porcos (cap. 36ss.) etc.

No término de *Opus agriculturae*, há ainda um poema não totalmente instrutivo e composto por 170 versos, ou 85 dísticos elegíacos. O seu foco são os enxertos entre espécies arbóreas produtoras de frutos – cerejeiras, macieiras, pereiras, nespereiras e outras –, porém o tema não é aprofundado completamente, devido ao próprio tamanho reduzido do livro. Assim, apenas as possíveis combinações entre plantas enxertadas e portadoras de enxerto são descritas, sem abordar ali a preparação dos garfos de enxerto, as diversas formas de unir as plantas, a proteção dos galhos até a sua plena implantação no novo tronco, entre outros aspectos.

O nível estilístico de Paládio, apesar de cuidado, adota tons de praticidade expositiva, evitando o “excesso” de estruturas subordinadas e construções com verbos impessoais, como *debet* (“convém”), sobrepondo estruturas ou coordenando-as, entre outros fatores (RODRÍGUEZ, 2016, p. 14ss.); também existem modestos elementos retóricos, como as cláusulas rítmicas sugeridas nos manuais dessa arte, além de usos metafóricos e de outras figuras. O poema identificado com o último livro de *Opus agriculturae*, dedicado a um indivíduo aparentemente culto e situado nas camadas mais altas da sociedade romana do século V d.C. (Pasifilo), sugere que o texto inicialmente circulou entre proprietários de terras abastados.

3 (DIFERENTES) APROPRIAÇÕES DE COLUMELA E GARGÍLIO MARCIAL POR PALÁDIO

3A EMPREGOS COMO FONTE E COMPOSICIONAL

Um primeiro aspecto que se destaca quanto aos modos de Paládio, autor “tardio” de fins da Antiguidade, ter-se servido das obras agrárias de predecessores como Columela e Gargílio Marcial diz respeito, evidentemente, à questão das fontes. De início, convém esclarecer que esses agrônomos, respectivamente, do séc. I d.C. e do séc. III d.C., não são as únicas fontes de saberes técnicos encontráveis em *Opus agriculturae*:

“Além de sua própria experiência, Paládio se baseia principalmente em três autoridades. Para as culturas arvenses, incluindo vinhas e azeitonas, e para a criação de animais, ele recorre a Columela, que escreveu no primeiro século d.C. Como sua fonte principal sobre hortos e árvores frutíferas, Paládio emprega Gargílio Marcial, que escreveu no século III; visto que essas obras de Marcial estão agora,

em grande parte, perdidas, Paládio oferece indicações valiosas sobre seu conteúdo. Terceiro, para assuntos mais exóticos, como receitas de vinhos aromatizados, Paládio baseia-se em uma compilação de informações agrícolas do escritor grego do séc. IV, Anatólio de Beirute”.²⁵

Fazemos, contudo, a ressalva de que esses autores *rerum rusticarum* são uma das poucas autoridades citadas pelo nome ao longo de todo o tratado, ao lado do referido Cornélio Celso,²⁶ de Magão Cartaginês (séc. VI a.C. ?)²⁷ e de Virgílio.²⁸ Em contrapartida, para referir-se aos autores helênicos, ou *Graeci*, de que empregou informações, o tratadista romano em pauta geralmente não os cita pelo nome, também se dando que, entre aquelas fontes nomeadas, Columela (28 vezes) e Gargílio Marcial (treze vezes) constituem a esmagadora maioria numérica, perfazendo no total mais de quarenta citações.

Esse dado, de forma alguma desprezível, parece indicar que Paládio tem nesses predecessores mais lembrados importantes meios autoritativos e de apoio aos juízos que emite sobre tópicos em que um ou outro foram mais destacados. Com efeito, Marcial quase sempre é citado por Paládio – exceto duas vezes, nos livros IV, 9, 9; V, 3, 4 (*De horticis* – “Dos hortos”) – em capítulos intitulados *De pomis* (“Das árvores frutíferas”), dispersos ao longo

²⁵ Fitch, 2013, p. 13: In addition to his own experience, Palladius draws chiefly on three authorities. For field crops, including vines and olives, and for animal husbandry he relies on Columella, who wrote in the first century AD. As his chief source on vegetable gardens and fruit trees, Palladius uses Gargilius Martialis, who wrote in the third century; since these works of Martialis are now largely lost, Palladius gives us valuable indications of their content. Third, for more exotic material such as recipes for flavoured wines, Palladius draws on a compilation of agricultural information by the fourth-century Greek writer Anatolius of Beirut.

²⁶ *Opus agriculturae* XIV, 5, 7; XIV, 12, 8; XIV, 14, 8; XIV, 32, 3.

²⁷ *Opus agriculturae* III, 10, 3; VI, 7, 1. Em artigo mais que centenário, porém atento aos autores de agricultura que tiveram Magão como fonte de informações técnicas – Varrão, Plínio, o Velho, Columela, entre outros – ou objeto tradutório, Mahaffy (1889, p. 31) tentava “reconstruir” por testemunhos o escopo da extensa obra do cartaginês: From these scanty remains it appears that Mago’s work comprised directions, not only upon agriculture in the stricter sense, but on breeding and caring of cattle, culture of fruit, of bees, in fact of all produce of the farm-yard and garden, as well as of the fields. – “Por esses escassos vestígios, parece que a obra de Magão incluía orientações não só sobre a agricultura no sentido mais estrito, mas sobre a criação e cuidado do gado, a cultura dos frutos, das abelhas, na verdade de todos os produtos da quinta e da horta, bem como dos campos”. Por iniciativa do senado romano, além disso, os 28 livros de seu tratado agrícola foram traduzidos do púnico para o latim pouco após 140 a.C.; Cássio Dionísio de Útica, ainda, traduziu a mesma obra para o grego no séc. I a.C.

²⁸ *Opus agriculturae* III, 25, 7: *Inseritur autem piro agresti, melo, ut nonnulli, amygdalo et spino, ut Vergilius, orno et fraxino et cydoneo, ut aliqui, et punico sed fisco ligno*. – “Mas [a pereira] se enxerta com pereira silvestre e macieira, segundo alguns; com amendoeira e ameixeira brava, segundo Virgílio; com freixo florido; com freixo e marmeleiro, segundo alguns, e com romãzeira (mas na madeira rachada)”. Referindo-se, no contexto, a *Geórgicas* II, 71-72.

do tratado do epígono.²⁹ Ou seja, esse tipo de dado parece corroborar de modo inequívoco a afirmação feita acima por Fitch (2013, p. 13), no sentido de Marcial tender a “monopolizar” alguns tópicos rústicos em Paládio, e Columela outros, distintos.

A busca de dados parecidos, sobre a inserção das citações ao *De re rustica* em capítulos dotados de certos títulos na obra paladiana (e, portanto, naqueles dedicados a tipos peculiares de temas), também se mostra frutífera:

I, 19, 3 “Do celeiro”; I, 28, 5 “Dos pavões”; II, 16 “Da marcação dos animais e da feitura do toucinho e dos pernis, do ouriço-do-mar e dos rábanos”; III, 9, 14 “Da colocação das vinhas em terreno lavrado, covas ou sulcos, e de todas as regras que dizem respeito a isso”; III, 10, 4 “Das vinhas arborizadas e das plantas para árvores-suporte de vinhas”; III, 15, 1 “Da poda da vinha nova”; III, 16, 1-2 “Da mergulhia das vinhas”; III, 17, 6 “Dos enxertos”; III, 18, 6 “Do estabelecimento dos olivais”; III, 19, 3 “Das árvores frutíferas e preceito geral para seu espaço”; III, 24, 7 e 11 “Dos hortos”; III, 26, 4 “Da criação dos porcos”; IV, 8, 1 “Da nutrição das oliveiras com *amurca* e os cuidados restantes delas”; IV, 9, 9 “Dos hortos”; VIII, 4, 1-2 “Das manadas”; X, 1, 2 “Da terceira lavra dos campos ricos ou da sementeira dos pobres, da adubação”; XI, 3 “Da marcação da fertilidade das vinhas, que destinaremos a recurvar”; XI, 5, 2 “Da ablaqueação da vinha nova”; XI, 8, 2 “Do estabelecimento e cultivo dos olivais, de sua adubação ou cuidados, ou da conservação das azeitonas ou da limpeza das covas e regatos”; XII, 1, 2 “Da sementeira do trigo, da espelta, da cevada, da fava com suas regras; do plantio da lentilha temporã, da semente de linho”; XII, 3 “Da renovação de uma vinha velha num jugo ou pérgola”; XIV, II, 1 “Prefácio à medicina”; XIV, 26, 4 (sobre mal dos cavalos); XIV, 27, 1 (sobre mal das éguas)

Ou seja, a apropriação de Columela – dado o próprio caráter extenso e extremamente abrangente da obra *De re rustica* – é bem mais multifacetada em Paládio do que aquela feita em relação a Gargílio Marcial. Dessa forma, o agrônomo de Cádiz é evocado não apenas para “pronunciar-se” a respeito de árvores frutíferas e hortos, mas também sobre criações e cuidados de vários animais – inclusive, no âmbito da saúde –, uma edificação como o celeiro, diferentes aspectos da viticultura, que se desenvolveu com numerosos detalhes em *De re rustica*, a oleicultura, o cultivo de cereais...

O mesmo Columela, porém, nem sempre é aludido – ou sugerido, quando não citado pelo nome –³⁰ de modo a contar com a anuência de Paládio. Isso se nota já no brevíssimo proêmio de abertura da obra inteira,

²⁹ Paládio, *Opus agriculturae* II, 15, 10; 19; IV, 10, 5; 16; 34; VI, 6; VII, 5, 2; XI, 12, 5-7; XIII, 4, 1.

³⁰ A título de exemplificação, Casas (1990, p. 24) entende que o livro XIV de *Opus agriculturae* se baseou “muito diretamente” em Columela. Contudo, como vimos pela lista reproduzida acima, o nome do agrônomo de Cádiz é citado somente três vezes nesta parte da obra paladiana, o que nos leva a concluir que deve haver vários outros pontos do mesmo livro XIV aos quais Paládio apenas o incorporou “anonimamente”.

quando o agrônomo se distancia do rebuscamento daqueles que, “falando eloquentemente a rústicos, conseguiram que seu método sequer pelos mais eloquentes pudesse ser entendido” (PALÁDIO, *Opus agriculturae* I, proêmio 1). A esse respeito, talvez haja aqui a crítica velada de Paládio ao estilo rebuscado de Columela, apesar das muitas vezes em que é citado nesta obra.³¹

Também observamos que esse autor do séc. I d.C., além das “ressalvas” em nexos com a dificuldade do estilo, experimenta por vezes as correções de Paládio inclusive no aspecto do real valor de suas afirmações técnicas:

“Convém, no entanto, escolher galinhas maiores: com efeito, darás a chocar em menor quantidade às menores. [5] Se quiseres mudar os filhotes de muitas para uma, Columela diz que vinte e cinco bastam para uma só nutriz: a mim na verdade, para poderem ser bem criados, parecem bastar quinze”.³²

“Columela afirma que esses também devem ser cultivados no viveiro; a mim – nenhuma província havendo alheia à produção espontânea de qualquer um desses tipos – parece, entretanto, convir colocar nesta época, ao lado da cova para vinhas, plantas grandes transferidas de quaisquer lugares, ou os troncos com raízes dos tipos referidos”.³³

Na primeira ocorrência, o agrônomo da Antiguidade tardia explica o processo de criação ou, especificamente, reprodução dos pavões. Os ovos dessas aves, então, podem eventualmente ser chocados por fêmeas de outras espécies, como as galinhas mencionadas no trecho. Mas, enquanto Columela, em *De re rustica* VIII, 11, 13, *elevava* para vinte e cinco o número de ovos disponibilizados a cada chocadeira, Paládio os *rebaixa* para quinze.

³¹ Cartelle, 2007, p. 798: De la manifestación inicial del autor (I, 1) de que para instruir a los agricultores hay que evitar los artificios de la retórica se deduce una crítica directa al estilo de Columela y la voluntad de volver a la lengua técnica tradicional en la agronomía latina desde Catón. Esta sujeción a las reglas del género tradicional da cuenta de sus características más acusadas: claridad, concisión e incluso, dentro de una corrección bastante generalizada, la admisión comedida de algunos coloquialismos-vulgarismos. – “Da afirmação inicial do autor (I, 1) de que para instruir os agricultores é preciso evitar os artificios da retórica, deduz-se uma crítica direta ao estilo de Columela e a vontade de retornar à língua técnica tradicional da agronomia latina desde Catão. Essa sujeição às regras do gênero tradicional explica suas características mais marcantes: clareza, concisão e até, com uma correção bastante generalizada, a admissão contida de alguns coloquialismos-vulgarismos”.

³² Paládio, *Opus agriculturae* I, 28, 5: *Maiores tamen gallinas oportet eligere: nam minoribus pauciora subpones. [5] Natos si ad unam transferre a pluribus uelis, dicit Columella uni nutrici uiginti quinque sufficere: mihi uero, ut bene educi possint, uidentur quindecim satis esse.*

³³ Paládio, *Opus agriculturae* III, 10, 4: *Has etiam Columella dicit seminario debere nutriri. Mihi uidetur, quia nulla prouincia est, quae non ex his quamcumque sponte producat, plantas iam maiores de locis quibuscumque translatas uel eorum generum truncos radictos hoc tempore circa scrobem uitis oportere constitui.*

No trecho da sequência, o assunto são as árvores de emprego para suporte de videiras, tais como os choupos, os olmos e os freixos: quanto a essas, a fonte do *Opus agriculturae* recomendara que fossem cultivadas *em viveiros* de plantas até o momento de sua transferência para o vinhedo (COLUMELA, *De re rustica* V, 6, 5). Paládio, porém, adotando postura de grande praticidade na condução dos cultivos no *fundus rusticus* que descreve, nota como eram comuns essas espécies arbóreas nas províncias do Império romano, de forma que poderiam facilmente ser empregadas, no local de necessidade, “plantas grandes transferidas *de quaisquer lugares*”.

Um dos pontos do *Opus agriculturae* (dado abaixo) em que seu autor se sobrepõe aos juízos técnicos de Gargílio Marcial não apresenta o significado de um “embate”,³⁴ segundo ocorrera com Columela:

“Enxerta-se [o limoeiro] tanto na pereira, segundo alguns, quanto na amoreira, mas os garfos enxertados devem ser protegidos por cima, de todo modo, com um cesto de vime ou um vasinho de argila. *Marcial afirma* que, entre os assírios, esta árvore nunca carece de frutos. *Eu mesmo o descobri* no território napolitano da Sardenha: em minhas propriedades, que têm solo e clima quente, umidade abundante”.³⁵

Em abordagem extensa do cultivo de uma árvore frutífera específica, o *citreus* (“limoeiro”), Paládio, como usualmente o faz para temas similares, recorre à autoridade de (Gargílio) Marcial a fim de introduzir uma peculiaridade da planta, ou seja, o fato de ela jamais estar sem limões (entre os assírios). Desta vez, porém, como se tivesse desejado obter comprovação pessoal a respeito da afirmação de sua fonte, ele teria procedido a uma espécie de “teste” prático, sob condições controladas de clima e tipo de solo. Disso resultou, lemos aqui, não algo que viesse contribuir para o questionamento do autor das obras *De hortis* e *Medicinae*..., mas antes uma espécie de confirmação de suas ideias, autorizada pela experiência do efetivo cultivador – além de escritor técnico – que foi Paládio.

Por outro lado, sendo a apreensão plena da estrutura compositiva dessas obras gargilianas prejudicada pela perda de suas partes, pelas dúvidas a respeito de serem ou não uma única obra etc. (TREVIZAM, 2024, p. 8), algo inteiramente distinto se passa com o acesso do leitor ao tratado columeliano

³⁴ Em outro semelhante, porém, é notado certo “redirecionamento” das práticas que Marcial recomendara: *Opus agriculturae* XI, 12, 5. *Alii et octobri inserendam esse dixerunt. Martialis in trunco inseri iubet: mihi inter corticem et lignum feliciter semper euenit.* – “Outros também disseram que [a cerejeira] pode ser enxertada em outubro. *Marcial preceitua* ser enxertada em um tronco: *para mim*, sempre cresceu prosperamente entre o córtex e a madeira”.

³⁵ Paládio, *Opus agriculturae* IV, 10, 16: *Inseritur et piro, ut quidam, et moro, sed insiti surculi qualo desuper omnino muniendi sunt uel fictili uasculo. Adserit Martialis apud Assyrios pomis hanc arborem non carere: quod ego in Sardinia territorio Neapolitano in fundis meis conperi, quibus solum et caelum tepidum est, umor exundans [...]*.

do *De re rustica*, por seu excelente estado de conservação. Justamente por isso, podemos mesmo afirmar que há clara modelagem do livro XV de *Opus agriculturae* sobre *De re rustica* X: lembramos que se trata sempre de livros sobretudo compostos em versos e com intento de instruir, mas tendo ao início, cada qual, seu proêmio em prosa.

No livro X de Columela, o proêmio incluía uma homenagem a Públio Silvino, expressa em termos monetários. Na obra paladiana, a dedicatória é direcionada a Pasifilo, mas ainda se utiliza um vocabulário parecido para referir o pagamento de uma “dívida” contraída com esse amigo. Em ambas as situações, há críticas a determinados comportamentos: na obra de Columela (*De re rustica* X, proêmio 2), ao gosto pelo luxo; na obra *Opus agriculturae*, ao copista (mencionado no livro XV, proêmio 1) em atraso excessivo para produzir um exemplar do tratado, que seria dado como presente a Pasifilo (TREVIZAM, 2024, p. 14). Eis os trechos ilustrativos, de um e outro autor:

“Recebe, Silvino, a pequena *paga restante de teus juros*, que eu garantira a ti ao exigires contratualmente. Com efeito, nos nove livros precedentes, eu *saldara a dívida*, exceto por esta parte, que agora *quito*”.³⁶

“Logo, como a época seguinte e, mormente, *a nossa estabeleceu gastos exorbitantes para os banquetes*, e os jantares têm o preço fixado não pelas necessidades naturais, mas pela posição social, *a pobreza plebeia*, afastada de alimentos mais caros, é *constrangida aos comuns*”.³⁷

“Tens aqui *outro penhor do crédito que me concedeste*. Para pagar *os juros* do tempo decorrido, juntei esta obra sobre a técnica do enxerto. Mas, terem esses volumes sobre o cultivo do campo sido transcritos mais tarde do que demandaras foi advindo da mão indolente do copista, com cuja lentidão nunca crio problemas. Com efeito, levo em conta *como*, amiúde, *se dão os ardis de nossos escravos*”.³⁸

Iniciando-se as partes propriamente poéticas dos respectivos livros X e XV de Columela e Paládio,

³⁶ Columela, *De re rustica* X, proêmio 1: ***Faenoris tui, Siluine, quod stipulanti spoponderam tibi, reliquam pensiunculam percipe. Nam superioribus nouem libris hac minus parte debitum, quod nunc persoluo, reddideram*** (tradução de Gilson José dos Santos).

³⁷ Columela, *De re rustica* X, proêmio 2: ***Mox cum sequens et praecipue nostra aetas dapibus libidinosa pretia constituerit ceneaeque non naturalibus desideriis sed censibus aestimentur, plebeia paupertas summota pretiosioribus cibis ad uulgares compellitur*** (tradução de Gilson José dos Santos).

³⁸ Paládio, *Opus agriculturae* XV, proêmio 2: ***Habes aliud indultae fiduciae testimonium. Pro usura temporis hoc opus de arte insitionis adieci. Sed quod uolumina haec ruris colendi serius, quam iusseras, scripta sunt, librarii manus segnior effecit, cuius ego tarditatem numquam maligne aestimo. Existimo enim, quo frequenter inclinet argutia seruorum.***

“notamos que em ambas as contribuições para os escritos agrários latinos ocorre o mecanismo da repetição. Isso porque, no contexto da primeira obra, o autor não só realiza nova dedicatória do livro a Públio Silvino, mas ainda recorda, em v. 6, algo já dito na porção em prosa do mesmo livro: ou seja, que esta sua iniciativa de composição parte de uma deixa dada por Virgílio em *Geórgicas* IV, 147-148. Em Paládio, com retomada do modelo columeliano, a repetição também se faz dupla ao início do *Carmen de insitione*, no sentido de que de novo encontramos a dedicatória a Pasifilo e o *tópos* da modéstia. No último caso, tal processo se dá através da designação prosística desta parte da obra como *minutias* (“nugas”, proêmio 2) e do próprio poema, depois, como *paruos... libellos* (“pequenos livrinhos”, v. 3).” (TREVIZAM, 2024, p. 15)

Tanto Columela quanto Paládio, que retomaram características da poesia didática antiga nos livros X e XV, respectivamente, das obras que criaram, mantêm-se ligados ao uso dos elementos literários pertinentes. Não apenas ambos conservaram elementos fundamentais da tipologia poética mencionada – o emprego de uma voz de instrução emanada dos versos, o direcionamento ao público como *discipulus* (“aluno”) e a combinação de referências mitológicas e técnicas de horticultura e enxerto –, mas se harmonizam em certos detalhes (TREVIZAM, 2024, p. 15). Por exemplo, Columela, em *De re rustica* X, e Paládio, em *Opus agriculturae* XV, valorizam a dimensão compositiva da visualidade (ou, mais especificamente, o cromatismo – NOË, 2002, p. 163-164), descrevendo com atenção seu *hortus*³⁹ ou suas árvores cultivadas artificialmente.⁴⁰

3B COMENTÁRIO SOBRE A “APROPRIAÇÃO” DE COLUMELA E GARGÍLIO MARCIAL POR PALÁDIO, EM DUAS PASSAGENS ESCOLHIDAS (*OPUS AGRICULTURAE* XIV, 26, 4 E XIV, 27, 1-3/ II, 15, 10-11)

Nesta seção do artigo, privilegiamos por amostragem não a proposição de comentários mais genéricos a respeito das formas de Paládio, ao longo

³⁹ Notem-se, assim, os vários adjetivos referentes a cores de que se utiliza o gaditano para descrever inflorações e outros elementos vegetais em *De re rustica* X: **nigro** [...] *ligustro* (“ao negro/verde escuro [...] alfeneiro”, v. 300); **ferrugineis** [...] *hyacinthis* (“com ferrugíneos [...] jacintos”, v. 305); **flammeola** *caltha* (“flamejante cravo”, v. 307) etc. Ademais, ver comentário de White (2013, p. 282), para a interpretação detalhada sobre estas – ou outras – plantas e o significado preciso das expressões “tonais” aqui em uso por Columela.

⁴⁰ Paládio, *De re rustica* XV, 89-92: – *Illius insolitas miratur persicus umbras/ populeaeque ferunt candida dona comae./ Mespilus huic paret lapidosaque uiscera mutans/ tenditur et niueo plena liquore rubet.* – “O pessegueiro admira suas sombras insólitas,/ e as folhagens do choupo dão brancos dons./ A nespereira a obedece e, mudando as duras entranhas,/ enche seu fruto e o enrubesce, pleno de níveo sumo”.

do tratado *Opus agriculturae*, ter-se servido das obras *De re rustica* e *De hortis (Medicinae ex holeribus et pomis)*, as quais foram reconhecidas como algumas das mais importantes fontes técnicas paladianas (FITCH, 2013, p. 13), mas antes o olhar detido para a maneira de incorporação de *pontos* desses predecessores pelo agrônomo tardio, nos *séc. IV-V d.C.* Isso significará, minimamente, o exame de alguns processos envolvidos na própria operação de “reescrita” desses predecessores pelo epígono, apontando para a imitação criativa do material citado.

No caso da tabela inicial, tratando-se de trechos contíguos em que Paládio teve Columela como base evidente para o aproveitamento de conteúdos técnicos, alguns efeitos de transformação da obra do gaditano já podem ser vistos:

Columela, <i>De re rustica</i> VI, 34, 2 e VI, 35	Paládio, <i>Opus agriculturae</i> XIV, 26, 4 e XIV, 27, 1-3
[2] <i>Est etiam illa pestifera labes, ut intra paucos dies equae subita macie et deinde morte corripiantur; quod cum accidit, quaternos sextarios gari singulis per nares infundere utile est, si minoris formae sunt, nam si maioris, etiam congios. Ea res omnem pituitam per nares elicit, et pecudem expurgat.</i> 35. <i>Rara quidem sed et haec est equarum nota rabies, ut cum in aqua imaginem suam uiderint, amore inani capiantur et per hunc oblitae pabuli tabe cupidinis intereant. Eius uerae rabiei signa sunt, cum per pascua ueluti exstimulatae concursant, subinde circumspicientes requirere ac desiderare aliquid uidentur. Mentis error discutitur, si decidas inaequaliter comas equae et eam deducas ad aquam. [2] Tum demum speculata deformitatem suam, pristinae imaginis abolet memoriam. Haec de uniuerso equarum genere satis dicta sunt, illa proprie praecipienda sunt is, quibus mularum greges curae est submittere.</i>	[4] <i>Est etiam illa pestifera labes, ut intra paucos dies equae subita macie et inde morte corripiantur. Quod cum accidit, quaternos sextarios gari adserente Columella singulis per nares infundere utile est, si minoris formae est, nam si maioris, etiam congios. Ea res omnem pituitatem per nares elicit et pecudem expurgat.</i> 27. <i>Sicut Columella dicit – mihi uero incompertum est –, equae aliquando se in aqua speculantur et diligunt. Hinc oblitae pabuli pereunt amore atque ieiunio, cum ueri ardores incendio furor cassae imaginis exaequatur. [2] Signi est, ubi per pascua uelut stimulatae praecipites uagantur ac subinde circumspiciunt uelut aliquid desiderio et affectione quaerentes. [3] Comas eius inaequaliter recide et ad aquam perducito, ut eadem quae morbos fecerat medicante materia pulchritudinis periculum beneficio deformitatis excludas.</i>

[2] Há também esta enfermidade pestilenta, de modo que, em poucos dias, as éguas são vitimadas pela magreza súbita e, depois, pela morte. Quando ocorre, é proveitoso verter pelas narinas de cada uma quatro sextários de <i>garum</i> se <i>são</i> de tamanho pequeno; se de um tamanho maior, mesmo um côngio. Isso elimina todo o muco pelas narinas e purga o animal. 35. Decerto é rara, mas também é conhecida, esta raiva das éguas, de modo que – tendo visto seu reflexo na água – se tomam de um amor vazio; e, por isso esquecidas da forragem, morrem consumidas de desejo. São sintomas dessa verdadeira loucura darem um giro pelos prados como que estimuladas, por vezes parecerem, olhando à sua volta, procurar e sentir a falta de algo. O desarranjo mental é dissipado se cortares desigualmente as crinas da égua e a levares à água. Então, enfim tendo olhado sua feiura, apagam a lembrança da antiga imagem. Com isso, falamos bastante de toda a raça das éguas; bem se deve em seguida preceituar àqueles cuja preocupação é fazer com que se reproduzam bandos de mulas.	[4] Há ainda esta enfermidade pestilenta, de modo que, em poucos dias, as éguas são vitimadas pela magreza <i>súbita</i> e, depois, pela morte. Quando ocorre, <i>como afirma Columela</i>, é proveitoso verter pelas narinas de cada uma quatro sextários de <i>garum</i> se <i>é</i> de tamanho pequeno; se de um tamanho maior, mesmo um côngio. Isso elimina todo o muco pelas narinas e purga o animal. 27. <i>Como diz Columela – mas por mim é ignorado</i> –, as éguas por vezes se observam na água e amam. Daí, esquecidas da forragem, morrem de amor e fome, pois o furor pela vã imagem é igualado pelo fogo de um ardor genuíno. [2] O sintoma é vagarem impetuosas pelos prados, como que estimuladas; e, por vezes, olham à sua volta como que sentindo a falta de algo, e buscando com desejo. [3] Corta-lhe as crinas desigualmente e à água leva, para que, medicando o mesmo objeto que causara o mal, elimines o perigo da beleza com o benefício da feiura.
---	---

Excetuando o ponto referente a *Opus agriculturae* XIV, 26, 4, praticamente transcrito sem modificações a partir de dados que já tinham surgido em *De re rustica* VI, 34, 2 – a não ser pelo detalhe da referência ao nome de Columela, na estrutura adicionada do ablativo absoluto e de uma troca verbal –, o pequeno capítulo na sequência (XIV, 27, 1-3) *não* reproduz servilmente as palavras do predecessor. O primeiro aspecto que notamos, nesse sentido, diz respeito à falta em Paládio do que seria a frase final, como se encontra em *De re rustica* VI, 35, 2 (*haec de uniuerso [...] curae est submittere* – “com isso, [...] de toda” [...] “preocupação é fazer com que se reproduzam”): ela continua,

a saber, o fecho de seção columeliana sobre o trato das éguas e, ao mesmo tempo, a abertura daquela sobre a reprodução das mulas.

Na verdade, a tendência à concisão, por vezes apontada pelos estudiosos ao cotejarem *Opus agriculturae* com o monumental *De re rustica* de Columela,⁴¹ não é desmentida quando se passa ao exame do efetivo processo de “enamoração” das éguas por sua imagem, como o descreve Paládio. Com efeito, desde o momento em que este agrônomo tardio toca no assunto até o término dele em *Opus agriculturae* XIV, 27, 3 (*equae aliquando [...] beneficio deformitatis excludas* – “as éguas por vezes” [...] “elimines [...] com o benefício da feiura”), temos 63 palavras, em comparação com as 68 do capítulo correspondente no tratado do predecessor. Quanto aos sete termos do começo do mesmo cap. 27, trata-se apenas de situar a passagem como citação de Columela e declarar a própria “ignorância” sobre o mal em pauta.

Seguindo a mesma linha de pensamento, a primeira e a segunda frase de Columela, em *De re rustica* VI, 35, são mais longas e, no conjunto, contêm mais informações que as duas frases iniciais de Paládio em *Opus agriculturae* XIV, 27, 1 – inclusive sobre os sintomas dos animais apaixonados –, pois esse último deslocou o aspecto da sintomatologia columeliana para uma terceira frase destinada somente a descrever os indícios do enamoramento equino. Em contrapartida, a quarta frase de Paládio, ocupando toda a extensão de *Opus agriculturae* XIV, 27, 3, é mais longa que a de Columela – “fundindo” conteúdos da terceira e quarta dele – e assume certa sofisticação elocutória, por manifestar um quiasmo (*pulchritudinis periculum // beneficio deformitatis*).

O segundo quadro, por sua vez, reproduz pontos em paralelo quando consideramos *De hortis*, de Marcial, e sua incorporação remodelada em *Opus agriculturae* II, 15, 10-11:

⁴¹ Casas, 1990, p. 16: Se [*Opus agriculturae*] trata de un compendio de la obra de Columela, con algunas adiciones de otros autores y varias propias. En extensión, supone algo más de un tercio del tratado de Columela [...]. – [*Opus Agriculturae*] é um compêndio da obra de Columela, com alguns acréscimos de outros autores e vários seus. Em extensão, representa pouco mais de um terço do tratado de Columela [...].

Gargílio Marcial, <i>De hortis</i> III, 6-7	Paládio, <i>Opus agriculturae</i> II, 15, 10-11
<i>In locis frigidis, in quibus metus est ne in flore deprensas [aut] pruina comburat, hoc modo tradunt amygdalis subueniri: antequam floreat nudare radices iubent et albi generis lapides quam minutissimos cum harenae cumulo aggregant, cumque iam tempus uidebitur ut debeant germinare, fodere atque remouere quae fuerant infusa praecipiunt.</i> [7] <i>Vt teneras nuces procreent, utilis erit ablaquaeatis radicibus, antequam floreat, aqua calida per aliquos dies irrigata. Fiunt dulcia ex amaris si circumfosso stipite tribus a radice digitis latior cauerna ponitur qua pruina decurrat; post media trunci parte terebrata cuneum qui esset ex arboris quidem radicibus simplici delibutum melle fixerunt. Nec minus utile est si effundatur stercus suillum, humano lotio resolutum et radicibus superfusum.</i>	[10] <i>Locis frigidis, ubi metus est de pruina, Martialis dicit hoc remedio subueniri. Antequam floreat, radices nudantur et albi lapides minutissimi mixti arenis congeruntur et, ubi iam tutum uidebitur, ut debeant germinare, effossi iterum lapides summouentur. [11] Teneras nuces amygdalus creabit, ut dicit, si ante florem radicibus ablaqueatis per dies aliquot calida aqua ingeratur. Ex amaris dulces fiunt, si circumfosso stipite tribus digitis a radice fiat cauerna, per quam noxium desudet umorem, uel medius truncus terebretur et cuneus ligni melle oblitus inprimatur uel si circa radice suillum stercus adfundas.</i>

Em lugares frios, nos quais há o medo de que a geada as surpreenda em flor e queime, diz-se que deste modo se auxiliam as amendoeiras, antes de florescerem: aconselham expor as raízes e juntar pedras de cor branca, tão pequenas quanto possível, com um monte de areia. E, quando já parecer o tempo de que devam germinar, preceituam desenterrar e remover as que tinham sido espalhadas. [7] Para produzirem nozes macias, será útil, antes de elas florescerem – ablaqueadas as raízes –, <i>água tépida</i> verter por alguns dias. Tornam-se doces de amargas se, escavando-se em torno do tronco três dedos acima da raiz, uma cavidade bastante grande for situada, pela qual escorra a geada; depois, perfurado o meio do tronco, uma cunha que venha logo das raízes da árvore, untada com mel puro, fixar. Não é menos útil o esterco de porco, caso se verta diluído em urina humana e espalhado sobre as raízes.	[10] Nos lugares frios, onde há medo da geada, <i>Marcial diz</i> que este remédio é aplicado: antes de florescerem, desnudem-se as raízes e amontoem-se pedras brancas pequeníssimas em mistura à areia; e, quando já parecer seguro que devam germinar, de novo as pedras serão desenterradas e removidas. [11] A amendoeira dará nozes macias, como ele diz, se antes de florescer, as raízes ablaqueadas, tépida água se verter por alguns dias. De amargas tornam-se doces se, escavando-se em torno do tronco três dedos acima da raiz, for feita uma cavidade pela qual mane o líquido nocivo, ou o meio do tronco for perfurado e uma cunha de madeira untada com mel for inserida, ou se verteres esterco de porco em volta das raízes.
---	--

O padrão visto há pouco na interface Columela-Paládio, de acordo com o qual o segundo agrônomo tende à concisão, de maneira comparativa, também é notável quando ele se coteja com Gargílio Marcial. Uma informação faltante em Paládio II, 15, 11, nesse sentido, é o aspecto da mistura entre o esterco suíno – um adubo de utilidade para as amendoeiras –⁴² e a urina humana (GARGÍLIO MARCIAL, *De hortis* III, 7); além disso, no mesmo parágrafo

⁴² Em nota a esta passagem, Zainaldin (GARGILIUS MARTIALIS, 2020, p. 275) explica que o procedimento de empregar esterco suíno (e urina humana) junto às raízes de romãzeiras, amendoeiras e outras árvores de fruto (para favorecer o adoçamento da produção) é antigo, tendo sido mencionado por Teofrasto (*Historia plantarum* II, 2, 11), Catão (*De agri cultura* VII, 3), Columela (*De re rustica* V, 10, 15), Plínio, o Velho (*Naturalis historia* XVII, 259) etc. Além disso, o erudito acrescenta que essas fontes tenderam a associar o procedimento em pauta com a nutrição das romãzeiras, sendo Gargílio Marcial o primeiro que o fez, após Teofrasto, de maneira conectada com o cultivo das amendoeiras; Paládio – no trecho que temos comentado

deste antecessor de Paládio, o mel é dito “puro” (*delibutum*), ausentando-se qualquer qualificação em *Opus agriculturae* II, 15, 11.

Em linha pouco anterior do mesmo *De hortis*, ainda, recomendou-se “juntar [às raízes] pedras de cor branca, tão pequenas quanto possível” (*albi generis lapides quam minutissimos* – III, 6), mas Paládio imita a passagem dizendo apenas “pedras brancas pequeníssimas” (*albi lapides minutissimi* – II, 15, 10). Ou seja, ocorre, desta vez, a omissão da partícula *quam*, intensificadora de superlativo, e do termo *generis* (“de tipo” ou “de cor”, no contexto). Trata-se, a rigor, de palavras não tão essenciais aos sentidos, por seu caráter, num caso, de mero reforço; no outro, de explicitação de certo aspecto notório por si.

Sintaticamente, maior concisão ou simplicidade expressiva pode ser notada pelo fato de Paládio, em conformidade com as observações de Rodríguez (2016, p. 14ss.), servir-se de maneira relativamente sóbria do mecanismo da subordinação. Então, no pequeno excerto escolhido, ele evitou por duas vezes o emprego de orações subordinadas relativas em uso por Marcial, bem como substituiu, no início, toda uma subordinada completiva posterior à palavra com significado de receio (*metus* = “medo”) por simples expressão preposicionada:

[...] *metus est ne in flore deprensas [aut] pruina comburat [...]*⁴³

“[...] há o medo de que a geada as surpreenda em flor e queime [...]”

[...] *metus est de pruina [...]*⁴⁴

“[...] há medo da geada [...]”

[...] *fodere atque remouere quae fuerant infusa praecipiunt.*⁴⁵

“[...] preceituum desenterrar e remover as que tinham sido espalhadas”.

[...] *effossi iterum lapides summouentur.*⁴⁶

“[...] de novo as pedras serão desenterradas e removidas”.

[...] *cuneum qui esset ex arboris quidem radicibus simplici delibutum melle fixerunt.*⁴⁷

“[...] uma cunha que venha logo das raízes da árvore, untada com mel puro, fixar”.

[...] *et cuneus ligni melle oblitus inprimatur [...]*⁴⁸

“[...] e uma cunha de madeira untada com mel for inserida [...]”

– e os *Geopônicos* gregos (III, 3, 4 e X, 59, 2), derradeiramente, seguiram a mesma “linha” das amendoeirais.

⁴³ Gargílio Marcial, *De hortis* III, 6.

⁴⁴ Paládio, *Opus agriculturae* II, 15, 10.

⁴⁵ Gargílio Marcial, *De hortis* III, 6.

⁴⁶ Paládio, *Opus agriculturae* II, 15, 10.

⁴⁷ Gargílio Marcial, *De hortis* III, 7.

⁴⁸ Paládio, *Opus agriculturae* II, 15, 11.

Parece, enfim, haver certo esforço de diferenciação de Paládio, especificamente quanto ao excerto de Marcial trazido para a leitura conjunta, no aspecto da ordem de alguns termos em expressões “reproduzidas” do antecessor. Notem-se por exemplo, do primeiro agrônomo citado, dizeres como *radicibus ablaqueatis* (“as raízes ablaqueadas”); *per dies aliquot* (literalmente, “por dias alguns”); *calida aqua* (“com tépida água”); *ex amaribus dulces fiunt* (“de amargas tornam-se doces”);⁴⁹ *suillum stercus* (literalmente, “de porco/suíno esterco”). Tais expressões advêm modificadas, a saber, das seguintes da obra *De hortis*: *ablaqueatis radicibus* (“ablaqueadas as raízes”); *per aliquos dies* (“por alguns dias”); *aqua calida* (“água tépida”); *fiunt dulcia ex amaribus* (“tornam-se doces de amargas”); *stercus suillum* (literalmente, “esterco de porco”), a cada vez sugerindo, com *Opus agriculturae*, uma espécie de disposição quiástica.

CONCLUSÃO

Espera-se, nesta exposição, ter primeiramente lembrado como a literatura técnica dos romanos antigos foi produtiva, abrangente e sobretudo interligada, considerando o amplo arco temporal de inserção dos autores e seus vastos interesses. Além disso, tendo-se privilegiado o recorte, neste vasto universo compositivo, de escritores – Columela, Gargílio Marcial e Paládio – e obras em nexos com a temática agrícola, procurou-se enfatizar que manter-se vinculado a esse “mesmo” assunto não significou o nivelamento completo de suas respectivas obras em dimensão, forma de veiculação de saberes e refinamento do texto.

Quando passamos, efetivamente, a comentar as diferentes maneiras de Paládio, autor mais “tardio” entre os três considerados em nosso recorte analítico, ter procedido ao emprego das obras técnicas de seus antecessores para compor a própria, pretendemos explicitar não só que Columela supera Marcial em número de citações, mas ainda trazer à vista aspectos adicionais desse processo complexo. Assim, a mais antiga dessas fontes de Paládio apresenta conteúdos oriundos do *De re rustica* em maior dispersão tipológica pelos capítulos do *Opus agriculturae* paladiano, todavia se observando *nítida tendência a citar* Gargílio Marcial em capítulos do tipo *De pomis* (“Das árvores frutíferas”), neste tratado.

⁴⁹ Em se tratando de pontos mais extensos como este, Paládio também manifestou, em *Opus agriculturae* XIV, 27, 3, tendência a modificar na frase a ordem de alguns termos “retomados” de Columela (*De re rustica* VI, 35). Assim, dizia-se na primeira obra referida “corta-lhe as crinas desigualmente e à água leva” (*comas eius inaequaliter recide et ad aquam perducito*), a partir de “[se] cortares desigualmente as crinas da água e a levares à água” (*[si] decidas inaequaliter comas equae et eam deducas ad aquam*).

A título adicional, embora seja profundamente baseado nas ideias e conteúdos a respeito do campo que provêm de Columela, Paládio não deixa de criticar (ou corrigir) tal antecessor, mesmo no plano compositivo. Diante de Marcial, em contrapartida, isso não é tão perceptível, como se o autor de *Opus agriculturae* se sentisse mais à vontade para tecer suas considerações sobretudo em relação ao escritor *rerum rusticarum* que assimilara mais visceralmente (CASAS, 1990, p. 16). Como último ponto, mas não menos importante, Paládio normalmente transformou os dizeres acolhidos *tanto* de Columela *quanto* de Marcial, para isso recorrendo inclusive a cortes e remanejamentos de frases, a figuras de linguagem, a ajustes sintáticos e a mudanças na ordem de vários termos em uso.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, David Paniagua. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.
- ARMENDÁRIZ, José-Ignacio García. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla/Cádiz: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.
- ASTIN, Alan E. *Cato the Censor*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- CARTELLE, Enrique Montero. Prosa técnica no gramatical. In: CODONER, Carmen (org.). *Historia de la literatura latina*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.
- CASAS, Ana María Moure. Introducción. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinária; Poema de los injertos*. Traducción, introducción y notas de Ana María Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-71.
- COLUMELLA. *L'arte dell'agricoltura*. A cura di Rosa C. Onesti. Torino: Einaudi, 2010 [1977].
- DE CHANTAL, Laure. (org.). *À la table des anciens*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- FITCH, John G. Introduction. In: PALLADIUS. *The work of farming*. Translated by John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013, p. 11-28.
- FORSTER, E. S. Columella and his Latin treatise on agriculture. *Greece and Rome*, v. 19, issue 57, p. 123-128, October 1950.
- GARGILIUS MARTIALIS. *The agricultural fragments*. Edited by James L. Zainaldin. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, 2008.
- MAHAFFY, J. P. The work of Mago on agriculture. *Hermathena*, v. 7, n. 15, p. 29-35, 1889.
- MARTIN, Régis F. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture: Livres I et II*. Texte établi et traduit par Régis F. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. VII-LXVII.
- MARTÍNEZ, Alfonso García-Torano. Introducción. In: GARGÍLIO MARCIAL. *Medicinas obtenidas de plantas y frutos; Tratado de los huertos*. Edición de Alfonso García-Torano Martínez. Madrid: Clásicos Dykinson, 2022, p. 15-47.
- NOË, Eralda. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: New Press, 2002.
- PALLADIUS. *Das Bauernjahr*. Editado e traduzido por Kai Brodersen. Berlin/Boston, Walter de Gruyter, 2016.
- ROBY, Courtney Ann. Latin Didactic, Scientific, and Technical Literature. In. *OXFORD Handbooks online*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 1-23. Disponível em: <https://>

- www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935390.001.0001/oxfordhb-9780199935390-e-100. Acesso em: 07 de jan. de 2025.
- RODRÍGUEZ, Elena López. *Análisis crítico y filológico: Col. 2, 10, 25-28 y Pal. Op. Agr. 5, 1*. 2016. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filologia Clássica) – Universidade de Salamanca, Salamanca, 2016.
- SANTOS, Gilson José dos. *De cultu hortorum* de Lúcio Moderato Columela. *Caliope: Presença Clássica*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 31, p. 96-111, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/7658>. Acesso em: 07 de jan. de 2025.
- SOARES, Carmen. Matrizes clássicas gregas da história da dieta: contributos da tratadística hipocrática. In: SOARES, Carmen (org.). *Espaços do pensamento científico da Antiguidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 13-36.
- STÜLP, Camille Bertha; MANSUR, Samira Schultz. O estudo de Claudio Galeno como fonte de conhecimento da anatomia humana. *Khronos: Revista de História da Ciência*, n. 7, p. 153-169, ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/159295/155703>. Acesso em: 07 de jan. de 2025.
- TAVARES, Wendryll José Bento; GONÇALVES, Ana Tereza Marques. O manual militar como artefato cultural: Vegécio e a ordenação do passado romano no *Compêndio da Arte Militar* (séc. IV d.C.). *Antigüedad y Cristianismo*, v. 40, p. 201-226, 2023. Disponível em: file:///C:/Users/Matheus/Downloads/art_10_bento-3.pdf. Acesso em: 07 de jan. de 2025.
- TREVIZAM, Matheus. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014.
- TREVIZAM, Matheus. Relações entre Paládio (*Opus agriculturae*) e Columela (*De re rustica*): uso renovado de um modelo e fonte. *Nuntius Antiquus*, v. 20, n. 1, p. 1-22, 2024.
- TREVIZAM, Matheus. Tradução do livro 15 do *Opus agriculturae* de Paládio. *RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 9, n. 2, p. 154-177, 2021.
- WILLIAMS, Robert Deryck. Virgil. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by Robert Deryck. Williams. 2nd reprint. London: Bristol Classical Press, 2001.
- WHITE, David J. *Columella Res rustica 10: a study and commentary*. 2013. 364 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Universidade da Flórida, Gainesville, 2013. Disponível em: https://ufdcimages.uflib.ufl.edu/UF/E0/04/53/49/00001/WHITE_D.pdf. Acesso em: 07 de jan. de 2025.
- ZAINALDIN, James L. Introduction. In: GARGILIUS MARTIALIS. *The agricultural fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020, p. 1-86.

Recebido: 10/1/2025

Aceito: 7/2/2025

Publicado: 25/2/2025